

EDITORIAL

A revista *Trilhas Filosóficas*, em seu décimo segundo ano de publicações, apresenta à comunidade filosófica sua mais nova publicação: a segunda edição de 2019 (**DOI: 10.25244/tf.v12i2**) com artigos em Fluxo Contínuo. Com esta publicação *encerramos* as publicações de edições *apenas* de Fluxo Contínuo. Continuaremos a receber artigos para submissões em Fluxo Contínuo, mas, se aprovados, serão publicados dentro de um número de Dossiês Temáticos. Portanto, publicaremos, a partir de 2020, sempre dois Dossiês, Jan.-Jun. e Jul.-Dez., com artigos de Fluxo Contínuo sobre qualquer temática filosófica dentro dos Dossiês. Poderemos, também, publicar uma Edição Especial ao ano.

Esta edição tem uma variedade temática interessante. Desde temáticas de filosofia da ciência, fenomenologia husserliana, crítica nietzschiana aos valores morais, o papel do intelectual no cenário de risco à democracia, a relação entre filosofia e literatura, até reflexões sobre filosofia da educação e ensino de filosofia a partir de vários Referenciais Teóricos: Paulo Freire e Edgar Morin, Deleuze e Guatarri, Nietzsche, e Heidegger.

No primeiro artigo, **Dayvide Magalhães Oliveira** desenvolve uma reflexão sobre o problema da indução em Karl Popper e David Hume. A finalidade é apresentar o problema da indução posto por Hume, assim como as críticas que Popper efetuou a essa abordagem. Mas também apresenta as questões abertas de ambas as perspectivas.

No segundo artigo, somos convidados a pensar, a partir da fenomenologia husserliana, tal como **Claudinei Reis Pereira** interpreta, sobre o mundo da vida como uma condição ontológica existencial pré-dada, pré-significativa. O mundo da vida, pois, não se reduz a explicação científica do mundo. Este aspecto filosófico, enquanto o *ver* fenomenológico, é justo a fundamentação filosófica conduzida por Husserl de sua crítica à visão científica do mundo. Esta superação se dá por esta recusa, mas também pela adoção de uma visão experiencial de uma ontologia transcendental.

Evania Paiva Alves dos Santos, no terceiro artigo, dialoga filosoficamente com Nietzsche colocando em questão a moral desde a perspectiva de gênese, quer dizer, Nietzsche pensa as condições que propiciaram o surgimento da moral, assim como a verdade do valor desses valores. A meditação da questão em Nietzsche acontece na obra *Genealogia da moral* analisando hermeneuticamente o método genealógico e a vinculação com o conceito de Vida

EDITORIAL

como Vontade de Poder, instaurando, assim, uma crítica filosófica aos valores morais.

No quarto artigo, **Milena Souza** procura levar o leitor a pensar o papel do intelectual num cenário de risco à democracia, tanto da perspectiva global, quanto do ponto de vista do contexto político-econômico e educacional brasileiro. Serão discutidos conceitos de liberalismo, conservadorismo e socialismo tomando como Referencial Teórico o filósofo-sociólogo Immanuel Wallerstein, assim como Istivàn Mészáros, Edward Said e Paulo Freire.

Leonardo Silva Sousa fará, no quinto artigo, uma aproximação instigante entre a filosofia e a literatura. A questão discutida é o “eu”. O diálogo filosófico e literário se dará entre Kierkegaard, com a obra *Doença para a morte* de 1849, e Mário de Sá-Carneiro, na obra *A confissão de Lúcio* de 1913. Com Kierkegaard o “eu” será visto em contraposição ao “desespero” e em Mário de Sá-Carneiro a narrativa gravitará em torno da “dispersão”.

Do sexto ao nono artigo, a análise filosófica se volta para a questão da filosofia da educação e do ensino de filosofia. Para abrir esta discussão, refletindo desde Portugal e afinado com as discussões da filosofia da educação brasileira, **Emanuel Oliveira Medeiros** mostra a imbricação entre Filosofia da Educação e Ensino de Filosofia. Os Sistemas educativos e a ideia de educação que os embasam devem fomentar o desenvolvimento da democracia. O ensino de filosofia deve ser formativo vinculando à formação com a vida. Para tornar isso exequível é preciso pensar uma Filosofia da Educação que transpasse todos os saberes de modo específico e universal.

No sétimo artigo, **Jefferson Domingos de Assunção** fará uma análise do filme *Onde os fracos não têm vez* (2007), de Ethan e Joel Coen, tendo como base a sua adaptação do livro *Onde os velhos não têm vez*, de Cormac McCarthy, publicado em 2005. A chave de interpretação de sua análise é tomada das filosofias de Nietzsche, de Gilles Deleuze, e de Félix Guattari. Será evidenciada a questão da violência no capital e no pensamento.

Wellington dos Santos e Marta Rios Nunes da Costa, no penúltimo artigo desta Edição, pensam a partir de Nietzsche, a crítica ao conceito de *bildung* e a questão do Ensino de Filosofia. Os autores reconstróem a metodologia do Ensino de Filosofia de Nietzsche, a saber, “o *daimon-zaratustriano*, isto é, os ensinamentos-metodológicos do *Espírito-Zaratustra* enquanto prática-genealógica para o professor de filosofia no Ensino Médio”. A questão que vem à tona em tom provocativo é a conseqüente crítica à uma metodologia de ensino de filosofia do “filisteu da cultura” (*Bildungsphilister*), o “*historicista-e-cômodo*”, o erudito, o *expert* em resenhar as diversas ideias de muitos sistemas filosóficos não conduzindo, porém, para a apropriação da filosofia nela mesma.

EDITORIAL

Para o coroamento desta Edição de Fluxo Contínuo é dada a palavra a Heidegger através do artigo de **Alexandre Soares de Sousa**. Heidegger demonstra que a tradição filosófica, a Metafísica, esqueceu a questão do ser. Com isto ela foi se desdobrando de forma inessencial procurando agregar à filosofia funções e utilidades estranhas à filosofia nela mesma. Este procedimento é o desejo de fazer da filosofia um conhecimento técnico e científico e, portanto, útil enquanto modo de ser da utilidade pragmática. Exemplo exemplar disto são as falas e deliberações do atual Ministro da Educação a respeito das Humanidades e, particularmente, da Filosofia. Visto dessa perspectiva não-filosófica a filosofia é avaliada pela utilidade e não pela sua essência mais própria, a saber, a questão do Ser. Heidegger, pois, propõe um diálogo com os antigos para retomar a questão do Ser buscando no conceito de verdade dos gregos, e não na eficiência da técnica moderna, a abertura para compreender e fazer filosofia. Esta abertura, este caminho, retoma e exige do filósofo uma reconexão com a cotidianidade. Este movimento afeta o Ensino da Filosofia quando a cotidianidade está encoberta, obscurecendo e nem reconhecendo o Ser, e a filosofia é medida pela (des)medida estranha a ela: conhecimento técnico e científico. O professor de filosofia sucumbirá ao lugar inessencial da filosofia adaptando-se ao conhecimento técnico e científico, ou ele voltando-se e retomando a origem do pensamento ensinará a pensar desde a essência própria da filosofia?

Prof. Dr. Marcos Érico de Araújo Silva (UERN/Campus Caicó)
Editor-chefe da *Trilhas Filosóficas*